

## **“La letra como instrumento de combate del negro”: Manuel Zapata Olivella e a revista *Letras Nacionales***

“THE LETTER AS AN INSTRUMENT OF COMBAT OF THE BLACK PEOPLE”: MANUEL ZAPATA OLIVELLA AND THE MAGAZINE *LETRAS NACIONALES*

*Denilson Lima Santos*

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia  
Afro-Brasileira

(UNILAB-Campus dos Malês), Bahía, Brasil  
denilsonlimas@unilab.edu.br  
denilsonlimas@gmail.com

RESUMO: A literatura na América Latina permite que conheçamos diferentes maneiras de ressignificar a vida pela arte. Dessas muitas formas, encontramos em Manuel Zapata Olivella (1920-2004) a expressão de posicionamento político-estético da cultura afrodescendente na Colômbia, especificamente por meio do periódico *Letras Nacionales*. Essa revista foi fundada e gerenciada por ele de 1965 até 1970. Nesse contexto, este ensaio se ocupa em discutir a relação da publicação supracitada com a divulgação da cultura afro-latino-americana pelo viés da literatura e dos estudos teórico-conceituais da sociologia da literatura. Assim, apresentamos questões da literatura negra colombiana como possibilidade de conhecimento da presença africana aqui nas Américas.

PALAVRAS-CHAVE: cultura afro-latinoamericana, Manuel Zapata Olivella, *Letras Nacionales*, presença africana, literatura.

ABSTRACT: Literature in Latin America allows us to know different ways to reframe life through arts. In these many ways, we find in Manuel Zapata Olivella (1920-2004) the expression of the political-aesthetic position of Afro-descendant culture in Colombia, specifically by the magazine *Letras Nacionales*. Zapata Olivella founded this magazine in 1965 and he managed it until 1970. In this context, this essay is concerned with discussing the relationship between the aforementioned publication and the dissemination of Afro-Latin American culture through literature and the theoretical-conceptual studies of Sociology of Literature. Thus, we present issues of black Colombian literature as a possibility of knowing the African presence here in the Americas.

KEYWORDS: afro-latin-american culture, Manuel Zapata Olivella, *Letras Nacionales*, african presence, literature.

## INTRODUÇÃO

Pensar a América Latina a partir da Literatura e da produção intelectual é bastante significativo. Talvez, sejam acertadas as palavras de Lucia Helena, no livro *Literatura, intelectuais e a crise da cultura* (2007), quando analisa a sociedade sob a ótica do papel da *intelligentsia* e a relação de fragmentação daquela com a atuação e a função da intelectualidade. A autora revela que “dizer que o intelectual e a sociedade dilacerada caminham juntos equivale a supor uma estreita aliança entre o desespero dos homens e a busca de saídas” (23).

Nesse sentido de dilaceramento do mundo que nos cerca e da possibilidade de encontrar saídas para a crise, observamos a escrita de Manuel Zapata Olivella (1920-2004), nascido em Loricá, na Colômbia, como parte da intelectualidade afro-colombiana que é “produto de sociedades despedaçadas, [logo] o intelectual é sua testemunha” (Sartre 72). Há, nessa concepção, a historicidade da figura do intelectual como aquele que é produto de seu tempo e possuidor da postura de compreender e fazer a leitura do seu momento histórico, a partir dos pedaços do seu entorno.

Sabe-se que Manuel Zapata Olivella foi médico, pesquisador das culturas, teatrólogo e soube retratar a formação humana de seu país em suas obras. Desde suas viagens pela América Central até os Estados Unidos na juventude, Zapata Olivella transpôs para sua escrita a diversidade das populações indígenas e negras dos países visitados. Do conjunto de suas obras, podemos destacar: *He visto la noche* (1946), *Tierra Mojada* (1947), *Los Pasos del Indio* (1958), *La calle 10* (1960), *Chambacú, corral de negros* (1963), *Changó, el gran putas* (1983), entre outras.

É a partir da produção intelectual do afro-colombiano, bem como da ideia de dilaceramento da sociedade, que Zapata é lido aqui. Ele é aquele intelectual fruto de seu tempo, leitor da sociedade fragmentada em que vive, nesse caso a colombiana. Para refletir seu contexto, o escritor cria um grande número de obras literárias de vários gêneros, poemas, romances, contos e ensaios. De algumas obras, podemos citar o conjunto ensaístico dele: *La rebelión de los genes* (1997), *Las claves mágicas de América* (1989), *Levántate, mulato!* (1990), e a revista *Letras Nacionales*, que teve suas publicações entre as décadas de 1960 e 1980 no cenário cultural colombiano.

Nesse contexto de escrita, cabe ressaltar aqui que em 1965 –quando, juntamente com outros parceiros, fundou a revista *Letras Nacionales*– o autor já assinalava a necessidade de ouvir outras vozes da literatura colombiana, como pode ser visto no editorial da revista:

La literatura es un fenómeno histórico y social. Aparece como una necesidad. Es el haber de las experiencias culturales que puede guardarse en la memoria o en el papel escrito. Pero en los conflictos políticos y económicos contemporáneos, hay quienes, defendiendo intereses particulares, niegan la existencia de una literatura nacional en pueblos que fueron o son oprimidos (Olivella, “Editorial” 3).

Queremos destacar os aspectos importantes do pensamento do intelectual afro-colombiano a partir da ideia de dualidade da memória e da escrita, evidentemente sem esconder as tensões do ambiente social e cultural em que ele viveu. Quando analisamos essas questões, percebemos a escrita de Zapata como “uma situação de alteridade, na medida em que [em suas ideias] subjazem dois sistemas culturais e civilizacionais diferentes” (Trigo 68). Como proposta de contraposição

à ideia de negação de uma literatura nacional dos povos oprimidos, a saber, indígenas e negros, é que Zapata faz o desafio àqueles que fazem parte de um círculo que privilegiava a estética eurocêntrica. Mas qual seria essa provocação? Poderíamos afirmar que seria a de demonstrar que em seu país há uma arte que subsiste e resiste:

En Colombia, desde luego, no faltan los mercadores del subdesarrollo. Afirman que no existe literatura nacional. Niegan la poesía, la novela o la pintura colombianas. Pretenden ignorar que somos un pueblo históricamente determinado y que, querámoslo o no, hacemos parte de ese proceso. Quienes llegan a negarse a sí mismos, asumiendo la vocería del amo, olvidan que el solo hecho de impugnar el mismo idioma que habla el pueblo impugnado, da a este una existencia concreta (Zapata Olivella, “Esto somos” 4).

A atividade intelectual de Manuel Zapata Olivella foi intensa na escrita e no ativismo político-cultural, sendo assim, é importante destacar a preocupação do escritor por pensar a partir do lugar de “Pueblo impugnado”. Em outras palavras, ele ocupava o lugar na escrita latino-americana, herdeira do idioma europeu, de voz dissonante, “pela duplicidade ou pluralidade dos signos socioculturais do seu processo produtivo: trata-se, em síntese, de um processo que tem pelo menos um elemento não coincidente com a filiação dos outros, e que cria necessariamente uma zona de ambiguidade e conflito” (Cornejo Polar 162). Este seria o caminho de Zapata nas letras colombianas: mostrar que a cultura e a literatura daquele país estavam permeadas pela existência de outros povos e que esses também produziam literatura nacional. O escritor afro-colombiano sinalizou a necessidade de olhar para sua cultura e se posicionou na zona de conflito literária ao demonstrar o legado negro nas Letras da Colômbia.

Nesse ambiente de tensão, de reescrita de culturas e de tomada de consciência de uma literatura nacional, podemos ler as palavras do mestre Olivella como sinal de compreensão do país que está em busca de uma identidade que contemple as vozes plurais que o compõem.

Como sujeito histórico, o intelectual afro-colombiano funda Letras Nacionales, e esta se torna veículo de expressão política, cultural e social. Do mesmo modo, o escritor de Lorica assume a função social

e política, ainda que esta esteja no limiar da ambiguidade, a saber, “la tensión entre el deseo de construir identidades propias y de imitar los modelos del norte” (Palacios 18). Zapata Olivella toma a posição de pensar seu entorno entre a fronteira da independência e da imitação. Mas até que ponto se dá essa ambiguidade para a literatura escrita por homens e mulheres negros na América Latina? Qual o lugar das culturas que não são privilegiadas pela estética hegemônica, porém subsistem como epistemologias heterogêneas?

#### PENSAR A CULTURA, UM PAPEL DA INTELLECTUALIDADE AFRO-LATINO-AMERICANA

Pensar na função intelectual de Manuel Zapata Olivella, especificamente na produção do periodismo, nos faz lembrar o que Lucia Helena, na obra citada anteriormente, reflete sobre a posição intelectual de Walter Benjamin:

O filósofo e intelectual inquieto, exilado entre destroços da catástrofe nazista, torna-se leitor de ruínas e mostra saber, como muito poucos, através das citações postas em alegorese, fazer falar o reprimido e o residual. Segundo Benjamin, se todo documento da cultura é documento da barbárie, isso faz do intelectual alguém que escreve do ponto de vista do vencido. E fez dele próprio um intelectual que, talvez com o intuito de dispor da Biblioteca Nacional de Paris para suas pesquisas, adiou, até a salvação impossível, a fuga para além da violência mortal que grassava na Europa de seus dias (26).

Toma-se aqui Walter Benjamin como metáfora do intelectual que se posiciona na sociedade que se despedaça. A ideia do intelectual nas relações sociais estilhaçadas nos ajuda a compreender como Manuel Zapata Olivella se movimenta no contexto colombiano e de que maneira consegue agregar outros intelectuais ao projeto *Letras Nacionales*.

Outro ponto importante a ser destacado é o sentido de realidade social na qual o sujeito, que pensa sua cultura, está inserido. Nesse sentido, a questão do intelectual negro aqui é apontada como um ator de vida pública (Altamirano 17). De igual modo, a *intelligentsia*

negra é compreendida como aquela que cria estratégias de apropriação da cultura escrita de origem europeia e recupera a estética herdada das tradições de matriz africana e a dos povos originários deste continente (Santos 100).

Certamente, no papel de tradutor da cultura, o intelectual negro, nesse contexto, é visto como aquele já conceituado por Gramsci (18), isto é, tem um papel orgânico na sociedade. Tal ideia se distancia da compreensão proposta por Karl Mannheim (97) de que os intelectuais dão suporte à sua classe, mas o fazem de maneira extrínseca, isto é, independente. No entanto, cabe neste texto, seguir as linhas escritas de Zapata Olivella para descrever como o papel da intelectualidade negra se constrói a partir do texto e das redes colaborativas na revista literária.

É importante ressaltar outras obras que são fundamentais para compreender a formação da intelectualidade e auxiliar como operadores teóricos da leitura dos textos publicados no periódico *Letras Nacionales*. Destacamos aqui: *A cidade das Letras*, de Ángel Rama; *Nas tramas da “cidade letrada”*, de Adriane Vidal Costa e Claudio Maíz; e *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*, de Joaze Bernadino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel. Tais obras são propostas iniciais para a reflexão sobre o tecido entremeado com os fios sociais e arremates da escrita com propósito político e estético na “América” e a construção de uma rede colaborativa da *intelligentsia*.

Tomamos aqui o conceito de América Ladina de Lélia Gonzalez, pois esse adequa-se ao projeto proposto pelo intelectual afro-colombiano. Como diz a intelectual afro-brasileira:

As implicações políticas e culturais da categoria de Amefricanidade (“Amefricanity”) são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA [...]. Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de Amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretção e criação de novas formas) que é afrocentrada [...]. Seu valor metodológico, a meu ver, está no fato de permitir a possibilidade de resgatar

uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo (76-77).

Diante disso, à primeira vista, se pode dizer que a escrita na revista de literatura de Zapata Olivella é uma estratégia de reivindicação epistêmica e de construção de um espaço para reflexão sobre a estética afro-diaspórica que difere da hegemônica. A construção da Améfrica na perspectiva do intelectual afro-colombiano se dá por meio da apropriação da cultura escrita para promover uma rede de intelectuais negros e negras, bem como não-negros em processo colaborativo, que construísse, fomentasse e efetivasse a participação dos afrodescendentes nas sociedades da Améfrica Ladina. Cria-se assim, o processo decolonial da cidade das letras latino-americanas.

De igual modo, pensar na cultura do povo negro é pensar nas tradições de matriz africana e refletir sobre a dimensão que ela representa. Muniz Sodré postula sobre a diferença entre a cultura tradicional –por exemplo, aquelas que se construíram nas expressões religiosas dos negros, bem como em outros aspectos da sua cultura– e a ideia moderna de cultura ocidental. A distinção entre as duas está em que a primeira não se ocupa da razão de trocas econômicas. Em oposição, a segunda se preocupa com o excedente econômico-social que se acumula do resultado entre o que se produz e o que se consome. Em outras palavras, o excedente é a diferença entre a produção do grupo e seus custos. Dessa forma, o excedente deixa de estar disponível para o grupo e ganha sentido de valor, isto é, aquilo que equivale a troca. Assim, há o interesse na barganha dos bens pelo valor agregado à moeda.

Igualmente, os signos são mudados pelo sentido, pois signo não mais se instaura como forma de intercambio de saberes. Tudo se resume a valor, ou seja, o excedente e o sentido dos signos passam a ser mercantilizados. Portanto, a cultura ocidental se apega à ideia de valor entre as relações. Apega-se ao excedente como forma monetária e lucrativa em detrimento de permutas altruístas e solidárias entre o grupo.

Por outro lado, em oposição à ideia de excedente da cultura ocidental, na cultura negra, a troca não é dominada pela acumulação linear de um resto (o resto de uma diferença [o excedente agregado ao valor econômico]), porque é sempre simbólica e, portanto,

reversível: a obrigação (de dar) e a reciprocidade (receber e restituir) são regras básicas. É o grupo (concreto) e não o valor (abstrato) que detém as regras de trocas. E a troca simbólica não exclui nenhuma entidade: bichos, plantas, minerais, homens (vivos e mortos) participam ativamente, como parceiros legítimos da troca, nos ciclos vitais (Sodré 95).

A partir do princípio de troca simbólica, podemos pensar sobre a escrita de Manuel Zapata Olivella como figuração de uma totalidade de mundo desde as epistemologias contidas nas tradições orais até as construções das análises estéticas de obras literárias. Do mesmo modo, pode-se pensar a produção literária dele a partir da pedagogia do *cimarronaje*, a qual “concentra-se na maneira como se organizaram e difundiram os saberes afrodescendentes ao longo do processo de formação das sociedades latino-americanas” (Mendes Coelho 26). Esse conceito traçado por Rogério Mendes Coelho nos é propício pois os *cimarrones* (nas Américas hispânicas, que para nós, brasileiros, seriam os quilombolas) eram aqueles que fugiam da escravidão e, junto com essa fuga, instauravam espaços de liberdade e de cultura por meio de suas cosmogonias e suas cosmovisões. Daí, Zapata Olivella traceja o *cimarronaje* na literatura afro-colombiana.

Ao seguir esse estrado, percebe-se o caminho da escrita intelectual negra latino-americana como “as ações e práticas humanas afrodescendentes interessadas na autonomia, liberdade e reconhecimento de seus valores articulados pelos *cimarrones*” (Mendes Coelho 25). Instaure-se a possibilidade de construção da América a partir da ideia de escrita como espaço criativo de territórios cosmogônicos fundamentados nas tradições africanas recriadas nestas terras.

Outro tanto se pode pensar sobre a rede de intelectualidade que engendra o “domínio da letra e do discurso[, constituindo] em um poderoso artefato de poder” (Costa 7). Para compor os elementos que subvertem os espaços de poder hegemônico nas Américas, por exemplo, Zapata Olivella organiza o Congresso da Cultura Negra das Américas<sup>1</sup>, em Cali, em 1977. Para divulgar as questões discutidas no encontro, o intelectual afro-colombiano organiza a publicação do número 35 da

<sup>1</sup> Em seguida, sob a presidência de Gerardo Maloney, acontece, em 1980, na Cidade do Panamá, o II Congresso das Culturas Negras das Américas. Depois disso, sob a presidência de Abdias do Nascimento, acontece o III Congresso em São Paulo, no ano de 1982.



revista *Letras Nacionales*, que permitiu a construção do intercâmbio e da cooperação com outros intelectuais. A esse ato nomeamos aqui de rede colaborativa da inteligência negra das Américas. É a partir desse esteio que percebemos a cartografia epistemológica do intelectual afro-colombiano e sua empreitada para trazer à tona a plêiade de autoras e autores negros de seu país.

Nesse cenário, quando nos deparamos com *Letras Nacionales*, número 35, encontramos um conjunto de dezenove escritores, tendo uma única mulher nesse conjunto. A revista está dividida em seções, a saber, a de cartas do leitor Punto y contra; Editorial; Apresentação do número especial; Poemas, de treze poetisas; Contos, de seis contistas; Notas biográficas dos escritores; Elementos, um pequeno ensaio sobre o centenário do poeta afro-colombiano Candelario Obeso; Biblioteca, uma resenha do livro de Alberto Duque Gomez. A organização demonstra a dimensão plural da literatura afro-colombiana.

Outros elementos aparecem na revista, sobretudo, os comerciais dos produtos que patrocinavam a edição. Mas, para além disso, nas notas biográficas dos autores apresentados, encontramos dados de quatorze escritores, no entanto, são dezenove que aparecem com textos publicados no periódico. É possível que tenha sido uma falha do editor, julgamos, uma vez que não há registro dessa falta na revista. Todavia, o cuidado da revista com os textos dos autores compensa a falta de dados biográficos. Exemplo disso é o poema “Negra” de Edelma Zapata, filha de Manuel Zapata Olivella:

Descendientes de africanos  
dicen que nací negra,  
dicen que soy hija  
de esclavos y de siervos,  
dicen que por mi sangre  
corre sangre de hombres  
oscuros y desiertos.  
Dicen que soy negra,  
como la oscuridad de una noche  
sin cielo,  
sin estrellas blancas  
que iluminen mi cuerpo.  
Dicen que soy negra,  
negra como la tierra,

que entre mis manos lloran  
 muchas cadenas viejas,  
 oxidada por la sangre y por  
 el transcurrir del tiempo.  
 Es cierto que soy negra  
 porque en mis venas llevo,  
 el recuerdo, dulce y grato  
 de esta raza de hombres  
 que fundieron lo negro o,  
 el silencio y el tiempo.  
 (Zapata 41)

A partir da leitura do poema de Edelma Zapata, com ênfase no percurso lírico de sua pertença à tradição africana nas Américas, podemos entender a importância do momento histórico e filosófico fomentado por seu pai Manuel Zapata Olivella. Tal movimento, que na Negritude e no Pan-Africanismo teve seu esteio, não parou naquela publicação de *Letras Nacionales*. De fato, ao dar-se conta de suas origens, “que fundieron el negro o, el silencio y el tiempo”, não só o eu-lírico, mas o conjunto de escritoras e escritores negros da Colômbia estiveram atentos e firmes para reivindicar a inserção da estética literária afro-colombiana como patrimônio latino-americano.

Manuel Zapata Olivella propõe refletir sobre a literatura colombiana, sobretudo, no que diz respeito ao lugar que ela ocupa. Faz questionamentos sobre a questão social que a cultura literária pode conter:

Alegan para demostrarlo, que América Latina no ha sumado a la literatura universal un nombre tan destacado como el de Shakespeare o Cervantes. Es propio de estos cerebros juzgar el árbol por el fruto. Para defender la existencia de la literatura hispanoamericana no vamos a recurrir a ningún otro elemento comprobatorio diferente a esos 200 millones de personas que hablan el castellano. Sencillamente porque más que un debate nos interesa llamar la atención en la importancia de este conglomerado social que reclama una vez más –en primer lugar quienes formamos parte de él– urgencias culturales, políticas y económicas” (Zapata Olivella, “Puntos” 79).

O compromisso crítico de Zapata Olivella é com uma literatura que leve em consideração os valores do povo e do país que a criou, ou seja, sua língua e cultura. Tais elementos serão essenciais para tornar a literatura

local cada vez mais universal. Além disso, o escritor afro-colombiano criticava diretamente o setor conservador e centralista que dominava o cenário cultural da Colômbia, isto é, os homens que escreviam literatura canônica: brancos, heterossexuais, patriarcalistas e, por sua vez, racistas. A criação de *Letras Nacionales* por Zapata Olivella e seus companheiros, nessa época, representava uma posição contrária a um grupo que rejeitava as expressões literárias dos outros departamentos (estados) da Colômbia, além de dar voz àqueles que estavam nos cantos mais distantes da terra natal.

Na esteira de olhar para a cultura afro-colombiana, *Letras Nacionales* se dedicou a homenagear o Congresso de Culturas Negras como proposta de construção de uma política internacional e universal não só para os afro-colombianos como para todas as Américas. Em outros termos, a revista cumpre o papel de “una independencia de los poderes alienantes de la burguesía” (Colorado 127). Essa emancipação é um projeto para as tradições negras do continente.

Como afirma Willian Mina Aragón, Zapata Olivella é um “escritor comprometido con esa herencia de desigualdades, pobreza e injusticia que nos legó la colonia, la independencia y el régimen republicano” (40). O pensamento do filho ilustre de Lorica se alarga, ultrapassa as barreiras da crítica literária e ressalta os aspectos antropológicos da literatura nacional colombiana, a saber, que os povos negros e indígenas constituem patrimônio cultural literário de seu país. A literatura passa a ser um espelho que reflete o desenvolvimento de sua terra. Para tal papel, era preciso que a estética hegemônica reconhecesse outros matizes culturais que compunham a cultura daquele lugar. E assim, na *pedagogia do cimarronaje*, Zapata educa seu país e ressalta valores civilizatórios africanos por meio da estética literária.

Zapata Olivella entendeu que a literatura não era apenas o resultado de obras literárias, estilos ou maneira de narrar. A ideia está além dos elementos que compõem a estrutura de um livro, está “en las circunstancias que producen el libro, la posición que asume el autor y el detalle que este quiere resaltar de nuestra realidad según la dirección que le imprima al espejo” (Zapata Olivella, “La literatura” 10). Essa posição do intelectual afro-latino-americano constituía o confronto com a ideia de uma escrita colonialista.

Para o afro-colombiano, embora o escritor pudesse escolher o assunto –a caneta ou as folhas que imprimiriam sua escrita–, era o sistema de submissão, herdado do colonialismo, que apontava “la ventana desde donde debe mirar” (*ibid.*). Nesse desafio de pensar sobre sua cultura escrita, Zapata Olivella recebe apoio de personalidades como Manuel Mejía Vallejo, Gabriel García Márquez, Rosa Bosch, entre outros. Além disso, a revista *Letras Nacionales* teve uma ampla recepção em universidades estrangeiras.

Resulta innegable la importancia de *Letras Nacionales* en el campo literario colombiano, pues, por un lado, la duración de la revista demuestra el grado de aceptación que tuvo entre el público lector (es decir que su toma de posición nacionalista era vigente para el horizonte de expectativas de un buen número de lectores) y, por otro, es una de las primeras revistas dedicadas única y exclusivamente a la crítica de la literatura colombiana (Colorado 122).

O compromisso da revista com a crítica literária colombiana floresceu no século passado e possibilitou sedimentar um público que consumia as obras nacionais. Dessa forma, *Letras Nacionales* especializou o papel do escritor e se consolidou no mercado editorial daquele país.

Ao voltarmos nossos olhos para o número 35 da revista supracitada, especificamente na seção “Esquina del editor”, Manuel Zapata Olivella postula a historicidade das letras negro-colombianas e ressalta a importância de dar voz ao negro. Em outras palavras, o afro-colombiano deveria falar de si e por si mesmo:

Los negros vistos por sí mismos -autores de pura ascendencia africana, mulatos o zambos expresando la nostalgia épica de la captura de los abuelos en el solar nativo [...]

Comprendimos entonces que hay en Colombia y América otra literatura creciente, rebelde, nacional, que ha permanecido inadvertida a la crítica sumisa a los cartabones clasificatorios del europeo. Nueva literatura que tiene sus rasgos propios: ideales estéticos, posturas afectivas, irrevocable protesta, dimensión cósmica, pero sobre todo, una sociología autóctona cuyos factores determinan su carácter (7-8).

O intelectual afro-latino-americano configura-se em um mundo contrário à herança africana. Por esse motivo, ele se apropria das ferramentas da escrita do colonizador para recriar sua cultura e fazer presença na sociedade. Os europeus impuseram a grafia alfabética aos povos africanos escravizados e aos primeiros habitantes deste continente. Martin Lienhard indica que “los españoles y los portugueses no hicieron sino repetir anteriores usurpaciones y manipulaciones, cometidas por grupos expansionistas autóctonos (toltecas, aztecas, incas, tupís, guaraníes...) contra otros grupos y sociedades del continente” (Lienhard 45). Essa dupla estrutura militar alcançou, em termos tecnológicos, o poder de “notación o transcripción gráfica del discurso, especialmente del discurso del poder” (Lienhard 45), isto é, o controle físico e espiritual de seus novos vassalos.

Em termos de força, os europeus eram mais incisivos, porque, além da imposição, submissão às obras físicas, instilavam nas mentes dos dominados a crença de que a escrita era superior à oralidade, que as línguas europeias eram divinas e as indígenas americanas e as africanas eram demoníacas. Portanto, nasceu o projeto expansionista de tentar apagar a memória étnica, a ancestralidade, o relacionamento com a Mãe Terra, a Pacha Mama, tão sagrados para os povos autóctones dessas terras quanto para os africanos. Além de tudo isso, se instalou o desenvolvimento como um discurso protegido pelo cristianismo. Essas concepções perduram estruturalmente em preconceito e racismo que se refletem nas artes até os nossos dias.

Como herdeiro dessa condição de violência e ao mesmo tempo de resistência, o intelectual afro-latino-americano desenvolve suas reflexões e posições contra a mentalidade colonizada, cultivada com requinte nas futuras repúblicas independentes.

Com consciência ética, Manuel Zapata Olivella ressalta a relevância do negro colombiano. Como exemplo, podemos observar o artigo “La letra como instrumento de combate del negro”, um texto em homenagem ao centenário de Candelario Obeso (1849-1884). As pautas que o autor de “Changó, el gran putas” estabelece para que nos aprofundemos na literatura negra de seu país são importantes para pensarmos outros espaços da diáspora africana. Em primeiro lugar, o filho ilustre de Lorica se posiciona como um intelectual além da fronteira, quando assinala que se deve insistir “en la tarea impostergable de profundizar el estudio

de la literatura negra en Colombia y el continente” (Zapata Olivella, *Letras* 119). Nesse sentido, a intelectualidade afro-latino-americana é orgânica e internacional, perfazendo aí o papel da função política do intelectual. O povo negro, na diáspora, tem em comum a história de reorganização cultural, ainda que os idiomas os separem. O legado africano traspasa barreiras e ressignifica a África nas Américas.

Em segundo lugar, no uso das letras como combate, Zapata Olivella enumera os “fenômenos” que estão ocorrendo nas Américas a partir da escrita de Candelario Obeso: I- a luta por libertação dos espanhóis e dos *criollos*. Mas nesse período ainda é o senhor, a saber, o branco, que domina a leitura e a escrita e a usa para “defender o demonstrar al esclavo” (*ibid.*); II- a tradição oral dos poemas, coplas, cantos, entre outros, é a tradição oral herdada de África; III- A “Comisión Cartográfica” sedimentou o interesse e conhecimento pela cultura colombiana e os aportes dos negros nessa cultura, a exemplo do romance *Maria* de Jorge Isaacs. Diante desses fenômenos que chamamos culturais e sociais, a figura de Candelario Obeso surge como autor de “poesía [que] irrumpe solitario, pero firma en la historia, Cantos Populares de mi tierra de Candelario Obeso, cuya significación no ha sido suficientemente resaltada” (*Letras*... 120). O reconhecimento da cultura letrada de Obeso é uma dívida que tanto a Colômbia quanto o continente têm para com o escritor. Talvez seja mais que isso, quem sabe possa ser um débito para com a herança ancestral africana nas Américas. Não reconhecer a estética da literatura negra é um mal que assola a diáspora. Nesse sentido, o papel de Zapata Olivella na revista *Letras Nacionales* é de ressaltar a presença afro-colombiana na estética literária e combater o apagamento cultural imposto pela classe dominante daquele país.

É no contexto histórico-social do Romantismo colombiano que Zapata Olivella vai evidenciar que o “más importante de anotar en esa sociología de la literatura negra es el salto de la tradición oral a la escritura como consecuencia de la libertad de los esclavos” (*Letras* 120). Nesse contexto, a escrita de Candelario Obeso é a retomada da consciência étnica e da ousadia de que um ex-escravizado pode dominar as letras do senhor.

Diante disso, Olivella ressalta que “El Primer Congreso de la Cultura negra de las Américas tiene en Candelario Obeso un profundo tema de la reflexión cuando reclama una mirada retrospectiva de la trágica pero

multicreadora presencia de África en nuestro continente” (*ibid.*). Assim, a revista é o veículo de propagação do evento e projeto de visibilização da cultura negra da Colômbia.

Diante disso, é possível que a estética oficial branca latino-americana passe por um mal-estar ao ler *Letras Nacionales*, pois Manuel Zapata Olivella trouxe para a cena cultural colombiana a negritude que a classe hegemônica do país tentava esconder. Esse horror que eles, isto é, a cultura literária oficial sofria era o que Caetano na música *Sampa* já assinalou: “Narciso acha feio o que não é espelho”. Nesse sentido, Olivella despedaça o espelho e, caco por caco, aponta reluzentemente para mostrar que há uma presença africana nas terras que outrora eram chamadas de Nova Granada.

#### LETRAS NACIONALES E OS INTELLECTUAIS NEGROS DE COLÔMBIA

Como temos visto até aqui, a revista *Letras Nacionales* apresenta a estética literária dos afro-colombianos. Ao fazer isso,

se complace en dedicar íntegramente su material de este número, con poemas y cuentos de autores chocoanos, caucanos y costeños, que han contribuido, en una u otra forma, con su aporte intelectual al acercamiento de este atrayente tema racial, algunos de ellos conocidos internacionalmente, por sus poemas, novelas y cuentos (Zapata Olivella, *Letras...* 11).

Não há dúvida que a revista colombiana fundada por Zapata Olivella tenha sido um veículo de divulgação da literatura produzida por escritoras e escritores negros da Colômbia. A edição 35 de *Letras Nacionales* é o repositório de uma parte da cultura negra das Américas. Há, nesse sentido, um projeto de pensar a crítica literária latino-americana a partir de sua pluralidade cultural. De outro modo, Zapata Olivella escreve um capítulo para a crítica literária latino-americana, a saber, a “Cidade enegrecida”, a parte que falta na obra de Ángel Rama, *A cidade das letras*.

Cabe ressaltar que a atitude de apresentar e refletir sobre a formação intelectual da Colômbia não ficou somente na revista supracitada. Em outro texto, especificamente um ensaio: “Negritud y liberación”, Manuel

Zapata Olivella discorre sobre a influência do movimento Negritude e, por consequência, o Pan-Africanismo na sua posição e atuação como intelectual afro-colombiano. Depois de sua ida a Dakar, em 1974, após a experiência com a realidade africana e o movimento para libertação das colônias europeias naquele continente, nosso escritor refletiu sobre a realidade latino-americana.

La historia de los desmembramientos de África, escuchada en las múltiples lenguas que hablaban mis hermanos, reafirmó mi decisión de convocar en América -hijo directo del Diálogo de Dakar- un escenario, un gran ágora de los negros de América cualesquiera que fuesen los idiomas colonizadores, donde tuvieran su lugar los hermanos de África y de todos aquellos continentes a donde se extendió y floreció su semilla (Zapata Olivella, “Negritud” 340).

A experiência, o diálogo e o aprendizado na África deram a Zapata Olivella a ideia de discutir, nas Américas, a questão do colonialismo e da herança africana na diáspora. Seu pensamento se concretizou quando, quatro anos depois de sua estada em Dakar, “con el tesón que se requería para coordinar las voces negras, mulatas, zambas de nuestro hemisferio, se reunía en Cali, Colombia (1977), el Primer Congreso de la Cultura Negra de las Américas” (*ibid.*). Evento que ele se orgulhava de ter presidido. Nesse diapasão, podemos dizer que aí se encontra o marco da intelectualidade militante de Zapata Olivella.

É relevante observar que, na experiência em Dakar, surge o desenho do intelectual “produto de sociedades despedaçadas” e, por isso, o escritor negro da Colômbia é uma testemunha dessa mesma sociedade “porque interiorizou seu despedaçamento” (Sartre 30). Sendo assim, como discorre o filósofo Jean Paul Sartre, o intelectual é um resultado da história e do momento ao qual pertence, e, nesse sentido, juntando os estilhaços das sociedades latino-americanas, Zapata Olivella se reunirá com seus pares negros para dar continuidade ao projeto de Negritude nas Américas. Resultado disso é a construção de uma mobilização intelectual das “Américas”.

Se cerraba así un ciclo de luchas centenarias de la negritud, surgida de la colonización de América y la esclavitud de África contra la opresora Europa; y se daba nacimiento a la era moderna



de la desalienación y descolonización cultural y política con el espíritu de los ancestros rebeldes, –africanos, indígenas y europeos– enriquecidos con nuestras batallas, filosofías y artes (Zapata, *Levántate* 341).

O capítulo do colonialismo e da violência perpetrados pelos europeus na África e nas Américas se encerrou, segundo Zapata Olivella. Agora a desalienação e descolonização cultural e política estava a cargo dos “ancestrais rebeldes”. No entanto, a visão do intelectual afro-colombiano é da miscigenação de povos nas Américas. Mas ressalta-se a importância de que, no encontro das três culturas –indígena, negra e europeia–, houve a constante construção do ambiente de resistência e das lutas por libertação do povo negro e emancipação dos autóctones nessas terras.

Diante disso, podemos pensar o ativismo intelectual de Zapata Olivella por duas perspectivas. A primeira, a partir das contradições entre o saber prático e a ideologia (Sartre 54), que fomentam a organização de uma rede intelectual para repensar, por meio da práxis, as condições dos afrodescendentes nas Américas. A segunda frente de trabalho, por assim dizer, possibilita a divulgação de autores e autoras negros da Colômbia por meio do periódico. Por estas razões, *Letras Nacionales* é produto de uma “cosmovisión de raigambre, con auténticos elementos afroamericanos” (Zapata, *Letras* 11). Publicação necessária para fazer conhecida a produção literária e intelectual dos afro-colombianos.

Não resta dúvida que *Letras Nacionales* é um projeto moderno de visibilidade das vozes afro-colombianas. Além disso, se arremessa como espaço para repensar a libertação do ser humano das cadeias oxidadas pelo sangue, quando nessas terras chegavam centenas de negros escravizados e, de igual modo, ressignificar o legado epistemológico dos povos originários de Aby Yala. É, de fato, o processo de descolonização das mentes, da estética, da política e dos saberes latino-americanos.

## POSSÍVEIS CONCLUSÕES

Sem dúvida, existe algo fundamental na escrita de Manuel Zapata Olivella: a consciência de que é necessário se inserir na mesma linguagem da sociedade dominante, cujo padrão estético exclui todos aqueles que

não estão alinhados com o modelo econômico estabelecido. Dessa maneira, por meio da crítica ao pensamento hegemônico, o intelectual afro-colombiano aborda estudos sociais, literários e constrói, a partir da linguagem, um pensamento político dissidente que torna visível a contribuição de escritores e escritoras afrodescendentes para as letras colombianas. É por isso que ele recupera e ressignifica o pensamento e a estética das tradições africanas perdidas na diáspora, nesse caso, na Colômbia.

Zapata Olivella está sob a influência política, econômica e cultural de seu tempo. Ele é um homem de seu tempo, tal qual já nos apontou Machado de Assis. Nesse sentido, o filho de Lorica, mostrou, por meio da revista *Letras Nacionales*, a possibilidade de disseminar ideias anteriormente silenciadas e, assim, criar um novo público de leitura.

O escritor afro-colombiano está na classe dos intelectuais que “son los productores directos de la esfera ideológica, los creadores de productos ideológicos-culturales” (Löwy 17). De fato, seu trabalho criativo está em uma área de luta: cultura hegemônica europeia *versus* culturas afrodescendentes com nuances epistêmicas ancestrais. *Letras Nacionales*, por exemplo, é uma revista em que as práticas discursivas questionam os silenciamentos de outras estéticas.

O intelectual afro-colombiano escreve na linguagem hegemônica, mas a viola com outros sinais, a saber, elementos estéticos das digitais africanas e propõe dar voz aos afro-colombianos. Esses elementos tornam-se insumos culturais para pensar uma sociedade mais igualitária. Para isso, a disseminação de suas ideias nos periódicos foi uma ferramenta eficaz e construtiva para um projeto mais amplo, a saber, o da recuperação de uma tradição afro-literária na Colômbia.

Em suma, não há dúvidas que Zapata Olivella propõe uma literatura afrodescendente que busca visibilidade e respeito nas letras latino-americanas. Em outras palavras, o sujeito afrodescendente é mostrado em diálogo com diversas representações de identidade do continente. Ele não usa uma única voz, nem uma única individualidade, mas representa uma multiplicidade de vozes que são construídas através de trocas e empréstimos. Vale a pena lembrar que a escrita afrodescendente não é um conjunto homogêneo e sua grande diversidade se alimenta dos pontos de tensão do sistema literário na América Latina. De fato, pode-

mos perceber que *Letras Nacionales* é um espaço de reflexão da cultura, análise da estética e leitura de outras epistemologias.

## REFERÊNCIAS

- ALTAMIRANO, CARLOS. *Intelectuales: notas de investigación*. Bogotá, Grupo Editorial Norma, 2006.
- ARAGÓN, WILLIAM MINA. *Manuel Zapata Olivella: Pensador humanista*. Manuscrito apresentado para publicação, 2014.
- BERNADINO-COSTA, JOAZE *et al.* (eds.). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.
- CAICEDO ORTIZ, JOSE ANTONIO. *A mano alzada... Memoria escrita de la diáspora intelectual afrocolombiana*. Popayán, Sentipensar, 2013.
- CORNEJO-POLAR, ANTONIO. *O condor voa: Literatura e cultura latino-americanas*. Belo Horizonte, UFMG, 2000.
- MENDES COELHO, ROGÉRIO. *Pedagogias da cimarronaje: a contribuição das cosmogonias e cosmovisões africanas e afrodescendentes para a crítica literária e literaturas (afro-) latino-americanas*. Tese para obter o grau de Doutor em Letras: Teoria da Literatura, Pernambuco, Universidade Federal de Pernambuco, 2019.
- COSTA, ADRIANE VIDAL E CLAUDIO MAÍZ (EDS.). *Nas tramas da “cidade letrada”: sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais*. Belo Horizonte, Fino Traço, 2018.
- GONZALEZ, LÉLIA. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. *Tempo Brasileiro*, Nº 92/93, 1988, pp 69-82.
- GRAMSCI, ANTONIO. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.
- HELENA, LUCIA. *Literatura, intelectuais e a crise da cultura*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2007.
- LÖWY, MICHAEL. *Por una sociología de los intelectuales revolucionarios*. Ciudad de México, Siglo XXI, 1978.
- LIENHARD, MARTIN. *La voz y su huella*. Ciudad de México, Casa Juan Pablos, 2003.

- MANNHEIM, KARL. "Sociologia da Cultura". *Sociologia (Coleção Grandes Cientistas Sociais)*, Marialice Mencarini Foracchi (ed.), São Paulo, Ática, 1982, pp. 101-106.
- MANNHEIM, KARL. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- MARÍN COLORADO, PAOLA ANDREA. "La revista Mito y Letras nacionales: dinámicas del campo literario colombiano a mediados del siglo XX". *Utopías móviles: nuevos caminos para la historia intelectual en América Latina*, Selnich Vivas Hurtado (ed.), Bogotá, Diente de León, 2014, pp. 118-141.
- PALACIOS, EDISON NEIRA. *La función social y política del escritor en América Latina*. Medellín, Universidad de Antioquia, 2011.
- RAMA, ÁNGEL. *A cidade das Letras*. São Paulo, Boitempo, 2015.
- SANTOS, DENILSON LIMA. *Yorubas y bantúes en la discursividad ancestral: estudio comparado de Sortilégio II (1979) de Abdías do Nascimento y de Changó, el gran putas (1983) de Manuel Zapata Olivella*. Tese para obter certificação do grau de Doutor em Estudos Literários. Medellín, Universidad de Antioquia, 2015.
- SARTRE, JEAN-PAUL. *Em defesa dos Intelectuais*. São Paulo, Ática, 1994.
- SODRÉ, MUNIZ. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. São Paulo, DP&A, 2005.
- TRIGO, SALVATO. *Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira*. Lisboa, Veja, 1986.
- VIVAS HURTADO, SELNICH. "Vasallos de la escritura alfabética: riesgo y posibilidad de la literatura aborigen". *Estudios de Literatura Colombiana*, N° 25, 2009, pp. 15-34.
- ZAPATA, EDELMA. "Negra". *Letras Nacionales*, N° 35, 1977, p. 41.
- ZAPATA OLIVELLA, MANUEL. "Esto somos, esto defendemos". *Letras Nacionales*, N° 0, 1965, pp. 3-5.
- \_\_\_\_\_. "Puntos de partida". *Letras Nacionales*, N° 1, 1965, pp. 79-82.
- \_\_\_\_\_. "Editorial". *Letras Nacionales*, N° 1, 1965b, pp. 3-7.
- \_\_\_\_\_. "Editorial". *Letras Nacionales*, N° 2, 1965c, pp. 7-8.
- \_\_\_\_\_. "La literatura alienada". *Letras Nacionales*, N° 15, 1967, pp. 10-11.
- \_\_\_\_\_. "Caronte liberado". *Teatro*, 1972, pp. 10-42.

\_\_\_\_\_. "Negritud y liberación". *Levántate mulato*, Manuel Zapata Olivella, Bogotá, Rei, 1990, pp. 329-341.

\_\_\_\_\_. *¡Levántate mulato! Por mi raza hablará el espíritu*, Bogotá, Rei Andes, 1990.

Recepción: 23-09-20

Aceptación: 14-12-20